

Qualidade e vida útil de frutos de bananeira ‘BRS Princesa’ colhidos em diferentes idades de desenvolvimento

Daniel Ribeiro Rebouças¹, Márcio Eduardo Canto Pereira², Elaine Goes Souza³, Thiago Rici⁴, Julia Piton Lopes¹, Fabiana Fumi Cerqueira Sasaki² e Marcelo Bezerra Lima²

¹Estudante de Agronomia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, bolsista Fapesb, Cruz das Almas, BA; ²Pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura, Cruz das Almas, BA; ³Analista da Embrapa Mandioca e Fruticultura, Cruz das Almas, BA; ⁴Estudante de Agronomia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, bolsista do CNPq, Cruz das Almas, BA.

A bananeira ‘BRS Princesa’ é uma cultivar que apresenta frutos semelhantes aos da banana Maçã original e tolerância à murcha de *Fusarium* (mal-do-panamá), doença que tem impossibilitado o cultivo dessa cultivar no país. O objetivo desse trabalho foi analisar a qualidade e a vida útil de frutos de ‘BRS Princesa’ colhidos em diferentes idades de desenvolvimento. Em área comercial localizada na região do Baixo Sul da Bahia, no município de Presidente Tancredo Neves, plantas de terceiro ciclo foram marcadas a partir da emissão da inflorescência, no mês de junho de 2019. Os cachos foram colhidos em cada uma das seis datas estabelecidas para esse estudo: 80, 87, 94, 101, 108 e 115 dias após o florescimento (DAF), caracterizado pela emissão da última penca comercial, que não tem os frutos atrofiados. De cada cacho foram descartadas a primeira e a última penca para evitar possíveis desvios de padrão de frutos (muito grandes ou muito pequenos). Os frutos armazenados a 25 °C até o completo amadurecimento. Os frutos recém-colhidos – E1 (estádio 1, casca completamente verde) – e os frutos maduros – E6 (estádio 6, casca completamente amarela) foram avaliados para as seguintes características: massa (g), comprimento (cm) e diâmetro do fruto (mm); espessura da casca (mm); rendimento em polpa (%); firmeza da polpa (N); acidez titulável – AT (% ácido málico); sólidos solúveis – SS (%); relação SS/AT. Também se avaliou a perda de massa (%) e os dias da colheita até o amadurecimento em estágio 6 (vida de prateleira). O experimento foi conduzido em delineamento inteiramente casualizado, com seis repetições de um buquê de cinco frutos por data de colheita. Os dados foram submetidos à análise de variância. Diferenças entre os estádios de maturação foram avaliadas pelo teste F. Diferenças significativas entre as datas de colheita foram submetidas à análise de regressão com ajustes até segundo grau. Exceto para comprimento do fruto, todas as características avaliadas foram alteradas significativamente entre os estádios de maturação. Entre as datas de colheita, frutos recém-colhidos apresentaram diferenças significativas para massa, comprimento e diâmetro do fruto, e rendimento em polpa. Os valores aumentaram linearmente com o acréscimo do intervalo do florescimento à colheita, bem como para sólidos solúveis e relação SS/AT, que apresentaram valores decrescentes. Frutos maduros não apresentaram diferenças significativas, indicando que todos os frutos alcançaram um grau adequado de amadurecimento. A perda de massa e a vida útil foram reduzidos com o aumento da idade dos frutos na colheita. Apesar dos frutos mais jovens (80 e 87 DAF) terem maior vida útil (> 19 dias), apresentaram tamanho e massa menores (de menor valor comercial) e maior perda de massa, o que os deixa com aparência enrugada quando maduros. Considerando o balanço entre os atributos de qualidade e a vida útil, os resultados sugerem que a colheita dos frutos desenvolvidos no inverno deve ser realizada a partir de 101 DAF, pois os frutos apresentaram valores de massa e tamanho maiores, mais característicos da cultivar, com reduzida perda de massa e de 10 a 12 dias de vida útil.

Significado e impacto do trabalho: Conhecer a qualidade dos frutos em diferentes pontos de colheita é importante para os produtores saberem o melhor momento para colhê-los com melhor qualidade, maior valor comercial e longo tempo de comercialização. No caso da bananeira ‘BRS Princesa’ cultivada na região do Baixo Sul da Bahia, os resultados sugerem que os frutos desenvolvidos no inverno devem ser colhidos a partir dos 101 dias após o florescimento, contado a partir da emissão da última penca.